

# 7. O MÉTODO COMPARATIVO

---

## CAPÍTULO SETE

Texto traduzido e adaptado do capítulo 7 “The comparative method” (pp. 141- 61) em  
Winfred P. Lehmann, *Historical Linguistics: An Introduction*.  
(1962, 3ª. edição de 1993, reimpressão de 1994. Londres e Nova York: Routledge)

### 7.1. O método comparativo: um procedimento de triangulação para reconstruir formas anteriores

Os três capítulos anteriores apresentaram áreas em que os linguistas tratam a linguagem. Na classificação genealógica, a dimensão que delimita a área é o tempo. As línguas são examinadas para descobrir eventuais relações com suas fases anteriores as quais, por sua vez, são examinadas para desvendar seus sub-ramos. Dessa maneira, o inglês ou o português são examinados para identificar suas semelhanças e diferenças com o inglês médio, o inglês antigo e o protogermânico ou o português antigo e o latim respectivamente, dos quais outros sub-ramos se desenvolveram, como, por exemplo, as línguas escandinavas, ou os dialetos italianos e galo-românicos. O latim e o protogermânico, por sua vez, são examinados para suas semelhanças e diferenças relativo ao proto-italico, proto-indo-iraniano, protoeslavo, etc., e também com o protoindo-europeu. O procedimento é a comparação a fins de identificar os estágios anteriores de uma língua e de outras línguas às quais está aparentada.

Na classificação tipológica, a dimensão do tempo é desconsiderada. O turco de hoje pode ser comparado com o sumério de 3000 a.C., o berbere moderno com o irlandês antigo. Todas as línguas disponíveis são comparadas para identificar traços característicos que são amplamente difundidos, à procura daquelas que são universais. Como Meillet apontou, esses “dois tipos de comparação, igualmente legítimos, diferem totalmente. [...] As correspondências que são estabelecidas resultam da unidade geral da mente humana, e as diferenças provêm dos diversos tipos e graus de civilização”. (1925 [1967]: 13). Ao passo que comparar as línguas para identificar “leis universais”, nas palavras de Meillet, o estudo tipológico se interessa também por aprender “sobre as características gerais de humanidade”(ibid.). Esse objetivo pode ser o principal alvo do estudo tipológico, mas os resultados também servem como diretrizes para a reconstrução realizado por meio do método comparativo. Por exemplo, na base do nosso conhecimento adquirido mediante as investigações tipológicas, não reconstruiríamos uma língua composta somente de vogais, nem uma língua composta de listagens de nomes em lugar de sentenças. Tal como exemplificamos acima,

procuramos universais muito mais específicos, como procuramos também as relações entre esses universais. Os dois tipos de classificação, dessa maneira, se complementam.

No terceiro tipo de comparação, o esfera de atividade pode limitar-se em diversas maneiras: pela extensão geográfica, pelas inter-relações sociais, pelas ocupação. Subclasses de uma língua são estabelecidas por relações culturais e essas, por sua vez, são identificadas pelo grau de intensidade dos contatos entre os falantes. A identificação de tais subgrupos é relevante para os estudos históricos porque os subgrupos de falantes mantêm elementos linguísticos diferentes. Uma capital, como Oslo, pode manter contatos mais estreitos com outros países do que regiões mais distantes da Noruega, como Oslo tinha com a Dinamarca, e, conseqüentemente, pode desenvolver uma subclasse do norueguês que difere das que existe naqueles dialetos em que faltam tais contatos internacionais. Igualmente, uma classe social, como os bramimos da Índia, pode manter uma língua literária e religiosa, o sânscrito, que exerce um efeito na linguagem coloquial.

Enquanto os falantes de subclasses de uma língua, isso é os dialetos, podem se entender, as características que variam de dialeto em dialeto podem conduzir à mudanças, com efeitos nos estágios subsequentes de uma língua. Quanto aos dialetos, portanto, a comparação pode ser considerada como uma delimitação da extensão do esfera examinado na comparação genealógica. Seria inútil, por exemplo, incluir os empréstimos árabes para o urdu, na hora de iniciar a reconstrução dos dialetos do índico antigo da região noroeste do subcontinente asiático. Tampouco utilizaremos os elementos franceses ou latinos presentes no inglês ao relacionarmos-lo com os demais dialetos germânicos. Para realizar tais classificações, utilizamos os elementos nativos da língua.

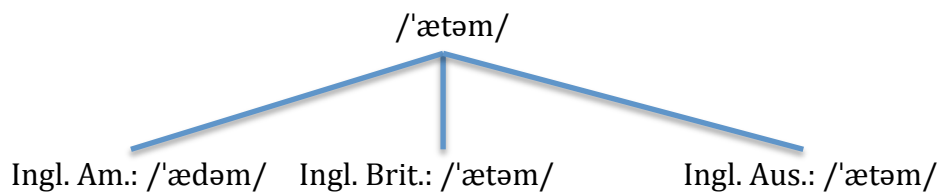
Os três tipos de classificação, em conseqüência, são diferentes, mas eles se complementam. Quando se descobriu que o acadiano era uma língua em que o verbo aparecia no final da oração, por exemplo, os resultados da comparação tipológica foram examinados com referência às descobertas alcançadas pela classificação genealógica. As características de uma língua do tipo verbo final, portanto, são interpretados como empréstimos do sumério, porque as línguas semíticas são do tipo verbo inicial, tipo esse refletidos em muitas outras características da língua acadiana. Da mesma maneira, quando se constata /k/ nos dialetos falados no norte da Inglaterra, como, por exemplo, em *kirk* em contraste com *church* (“igreja”), o traço característico é ligado ao dialeto do inglês influenciado pelos assentamentos escandinavos naquela região. Para resumir, os dados linguísticos podem ser comparados de diversas maneiras, com resultados diferentes, todos os quais esclarecem uma língua de alguma maneira, o que, com frequência, fornece explicações para suas características.

Quando os linguistas falam do **método comparativo** (MC), entretanto, se referem a um procedimento para identificar formas anteriores, em geral de línguas não atestadas. Ao utilizarmos este método, contrastamos as formas de duas ou mais línguas aparentadas para identificar a natureza precisa das relações entre essas formas. Expressamos essa relação da maneira mais simples mediante a reconstrução das formas ancestrais a partir das quais os vocábulos atestados se desenvolveram.

De modo a exemplificar um problema (cuja solução já conhecemos), podemos citar o contraste entre as consoantes médias utilizadas por alguns falantes do inglês americano (I.US) em palavras como *atom*, *bitter*, *little* (“átomo”, “amargo” e “pequeno”) e as consoante atestadas noutros dialetos ingleses, como, por exemplo, o inglês britânico (I.GB). Nalguns dialetos do IA, o /-t-/ nas palavras apresentadas acima é vozeado, de modo que *atom* e *Adam* (“átomo” e “Adão”), *bitter* e *bidder* (“amargo” e “licitante”) são homófonos ([ædəm], [bɪdəɪ]). Se essas pronúncias se mantêm, futuros linguistas históricos observarão em línguas aparentadas as formas:

I.US: /'ædəm/ --> I.GB: /'ætəm/  
 I.US: /'bɪdəɪ/ --> I.GB: /'bɪtə/  
 I.US: /'lɪdəl/ --> I.GB: /'lɪtəl/

Também perceberiam pronúncias como as do inglês britânico no australiano e nos demais dialetos ingleses. Justapondo essas formas, postulariam uma forma anterior, ou seja, um **étimo**, da seguinte maneira:



Servindo-se da “triangulação” aqui simbolizado, os linguistas propõem que o étimo dessas três formas foi como os **reflexos** no inglês britânico e australiano. O reflexo no inglês americano, por outro lado, teria sofrido uma mudança pela qual o /t/ médio foi vozeado.

Esta exemplificação representa um primeiro passo. Colecionar-se-ão todas as palavras que exibem um /-t-/ médio no inglês britânico e australiano com a finalidade de examinar seu correspondente americano.

De modo a avançar mais um passo, pode-se examinar outras palavras compostas da mesma base, particularmente no inglês americano. Por exemplo, a palavra *hitter* (“batedor”), pronunciada [ˈhɪ.dəɪ], trata-se de um nome de agente derivado do verbo /'hit/. O fonema /t/ desvozeado nesse verbo apoia a hipótese de que /t/ e não /d/ foi o som anterior e, conseqüentemente, fundamenta a

teoria de que foi o inglês americano que passou por um processo de mudança. Podemos observar que a evidência decisiva para reconstruirmos o fonema /t/ não é o reflexo mais frequente; antes disso, a evidência é identificada nas formas do inglês americano que não mudaram.

Ainda outro par de vocábulos contrastantes se manifesta na forma simples dos adjetivos, por exemplo, *fat* (“gordo”) e o comparativo, *fatter* (“mais gordo”), cuja pronúncia é [fæ.dəɪ]. Semelhante vozeamento não ocorre na forma comparativa de outros adjetivos parecidos, por exemplo, *quick* : *quicker* (“rápido”, “mais rápido”) e *fast* : *faster* (“veloz”, “mais veloz”). A partir dos dados fornecidos por essas duas palavras, pressupomos que após de uma vogal tônica, as formas comparativas com [-ər] deveriam exibir a mesma consoante do que as formas em que a desinência não ocorre. Para explicarmos as formas tanto como [fæ.dər], quanto como [hɪ.dəɪ], concluímos que num conjunto reduzido de palavras, ou seja, as em que o /-t-/ é intervocálico, uma mudança ocorreu, sem consideração da natureza morfológica da palavra. Isso porque *hitter* [hɪ.dəɪ] se trata de um nome de agente baseado em *to hit* /hit/ com o acréscimo do sufixo *-er* /-ər/ e *quicker* pertence a uma categoria totalmente diferente, sendo derivado do adjetivo *quick* /kwɪk/ a que é acrescentado o mesmo sufixo comparativo *-er* /-ər/.

Por termos descoberto ao realizar os passos descritos acima que alguns casos de /t/ intervocálico não mudam, como o de *faster*, por exemplo. prosseguimos a examinar /t/ em todos os ambientes. Num dos contextos intervocálicos em que a mudança não se produziu, a saber, quando a sílaba seguinte é /ən/, como, por exemplo, em *button*, *kitten* (“botão”, “gatinho”), e assim adiante. A palavra *button* do ingl. am. é pronunciada de uma maneira muito parecida à palavra correspondente no ingl. brit. Essa equivalência constitui ainda mais evidência de que foi o inglês americano em que a mudança do /t/ em *atom*, *bitter*, *little* aconteceu.

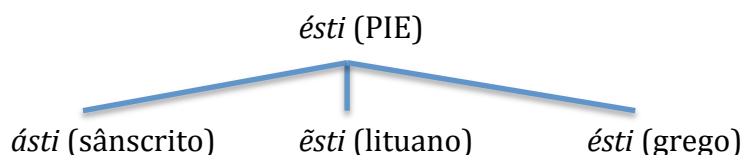
Se investigássemos mais a situação, prosseguiríamos a examinar o papel do acento tônico e procuraríamos formas que apresentassem /t/ intervocálico, mas em que existisse um padrão de acentuação diferente, como, por exemplo, *atomic* (“atômico”). Concluímos que, se o acento recair na segunda sílaba, o /t/ não é vozeado. Deparamos com uma falta de vozeamento parecida em palavras como *attire* (“vestimenta”) do ingl. am. Destarte, procuraríamos estudar todos os ambientes em que houvesse /t/ intervocálico.

É possível que já citemos exemplos suficientes para deixar evidente que o uso do método comparativo exige a investigação de todos as instâncias de mudança sonora sob consideração. Outros ambientes relevantes são citados nos exercícios ao final deste capítulo. Não obstante, a evidência aqui apresentada pode servir para ilustrar por que o método comparativo funciona de um modo eficaz.

Por meio da nossa investigação em que foi utilizado o método comparativo, chegamos à conclusão de que nalguns dialetos do inglês americano /t/ intervocálico foi transformado em /d/ quando a consoante seguir uma vogal tônica e preceder /ə/, mais /l/ ou /m/ ou /n/, ou quando ocorrer diante de /r/ e outras sílabas pouco enfatizadas. Tais mudanças sonoras estão restritas a certos dialetos e a determinados ambientes, como veremos no capítulo 10. Se é possível identificarmos outros dialetos em que a referida mudança não aconteceu, podemos comparar as formas contrastantes e, conseqüentemente, podemos propor uma hipótese sobre o étimo, finalmente, verificando a nossa teoria mediante a identificação dos resíduos no dialeto que sofreu a mudança. O método comparativo já foi testado em tantos exemplos que estamos extremamente confiantes da sua eficácia. Como temos visto, o emaranhado de detalhes da mudança linguística tipicamente fornece evidências suficientes para fundamentar conclusões baseadas na aplicação do método comparativo.

Visando fornecer ainda outra exemplificação, podemos mencionar as formas das línguas românicas apresentadas no capítulo 1: *champ* (francês), *campo* (italiano), *campo* (espanhol), *campo* (português). Ao reconstruirmos a consoante inicial ancestral, proporíamos [k]. Verificaríamos essa proposta ao observar que o latim exhibe a palavra *campus* e, além disso, apontaríamos as mudanças regulares de tais [k] em francês e sua manutenção em italiano, espanhol e português. Por dispormos do latim para averiguar as reconstruções feitas a partir das línguas neolatinas, o método comparativo ganhou crédito através da análise de tais formas. É lícito notar, porém, que as línguas neolatinas se desenvolveram do latim falado em lugar dos idiomas descenderem do latim literário dos nossos textos clássico. Conseqüentemente, a correspondência entre as formas reconstruídas e as formas literárias atestadas não é perfeita. Possuímos evidência do latim falado, como nas peças de Plauto e nos grafites das paredes das catacumbas e em Pompeia, mas é útil aplicarmos o método comparativo para identificar essa língua também como também para testar os resultados quanto ao latim literário.

De um modo semelhante, podemos identificar as formas numa língua reconstruída. De modo a exemplificar isso, consideremos a terceira pessoa do singular do tempo presente do modo indicativo do verbo “ser” no protoindo-europeu. Comparamos formas como *ásti* do sânscrito, *ėsti* do lituano, *ésti* do grego, entre outras, por meio do procedimento de triangulação apresentado acima para *atom*:



Nesses formas, nossa principal dificuldade é o /a/ do sânscrito: proporíamos, de modo provisório, que /a/ sânscrito se desenvolveu do /e/ do PIE. A seguir, procuraríamos evidências dentro do sânscrito para confirmar nossa hipótese. A evidência para esse problema é menos evidente do que as evidências supracitadas para as línguas românicas, ainda assim, entretanto, essa evidência é decisiva. A situação não foi percebida pelos primeiros linguistas históricos até a década dos 1870.

A evidência necessária para resolver a questão das vogais sânscritas foi descoberta nas formas reduplicadas. No tempo perfeito sânscrito, a reduplicação canônica é feita com a consoante inicial mais /a/, como, por exemplo, *tatána* que é derivado da raiz *tan* (“estender (-se)”, “alongar (-se)”). O perfeito da raiz *kr* (“fazer”), no entanto, é *cakára*. Ou seja, o /k/ é prefixado, mas sofreu palatalização também. Nos anos por volta de 1870, vários linguistas perceberam quase simultaneamente que a palatalização resultou de uma vogal anterior seguinte, ou seja, /e/, como foi atestado no grego. Evidência, embora há tempos não percebida, está presente no sânscrito para confirmar as conclusões alcançadas à base do método comparativo de postular a existência de /e/ PIE. A descoberta revela o poder do método, como também a importância de examinar todas as formas possíveis numa língua ao afirmar fatos históricos.

Procuraríamos reconstruir os paradigmas morfológicos também, servindo-se do mesmo método. Depois de ter identificado a terceira pessoa do singular do tempo presente do modo indicativo do verbo “ser”, passaríamos a tratar com outras formas, tal como a primeira pessoa. Nesse contexto, depreendemos:

*ásmi* (sânscr.)      *ẽsmi* (lit.)      *εἰμί* (*eimí*) (gr.)

Conforme a evidência identificada na reduplicação, não temos mais dificuldade com a vogal inicial \*e. Agora, o grego apresenta um problema com a sequência εἰ (*ei*), que representa uma vogal médio-fechada longa /e:/. Explicamos a quantidade alongada do /e/ por referência à perda do /s/, a qual foi compensada na quantidade da /e/ breve que precedia a fricativa surda. Apoio para tal fenômeno do **alongamento compensatório**, se encontra em muitas línguas, como, por exemplo, *état* (/e'ta/) em francês, em contraste com *estate* (/t'stejt/) do inglês. Apresentaremos ainda outros exemplos no capítulo 10. Também trataremos de modo mais extenso abaixo o uso do método comparativo na reconstrução na morfologia e na sintaxe.

Antes de estudar ainda outros exemplos, podemos indicar brevemente algumas falhas do método. De maior relevância é a limitação pela quantidade de informação. O método não dispõe de nenhum meio para reconstruir elementos que foram perdidos completamente em etapas subsequentes da língua. Hoje, reconstruímos a raiz de “ser” como \**ʔes*, mas pelo uso da método de

reconstrução interna (vide o capítulo 8). Com o método comparativo, não poderíamos identificar que as formas protoindo-europeias começavam com uma oclusiva glotal, porque essa consoante não consta nas formas que nos foram transmitidas. Após postularmos a oclusiva glotal pela reconstrução interna, depreendemos evidências, entretanto, comparáveis àquelas para a palatalização dos velares na reduplicação sânscrita.

Suplementamos os nossos resultados também pela comparação de conjuntos: o das vogais em duas ou mais línguas, o das oclusivas, e assim adiante. Para defender nossa reconstrução das formas protoindo-europeias, como as do verbo “ser”, identificamos o sistema fonológico completo do protoindo-europeu, como exemplificamos a seguir com as obstruentes.

## 7.2. O método comparativo aplicado às obstruentes indo-europeias

Ilustramos a aplicação do método comparativo a conjuntos de unidades fonológicas pela escrutínio de formas que contêm obstruentes gregas e latinas, exibidas na tabela 7.1. Para as três primeiras linhas das duas primeiras colunas – as *ordens* surdas e sonoras das *séries* labial, dental e velar – os resultados da nossa comparação permitiriam pouca discordância no que diz respeito às unidades pelas quais nos interessamos. Tanto em grego, como em latim, encontramos oposições entre oclusivas surdas e sonoras, entre labiais, dentais e velares; pressupomos, portanto, os mesmos fonemas para o protoindo-europeu.

Tabela 7.1. Obstruentes em grego e latim

	1	2	3	4
I.	Gr., πατήρ ( <i>patér</i> ) “pai” Lat., PATER “pai”	βελτίων ( <i>beltiōn</i> ) “melhor” DĒ-BILIS “fraco”	φράτηρ ( <i>phrátēr</i> ) “compatriota” FRĀTER “irmão”	
II.	Gr., τρεῖς ( <i>treîs</i> ) “três” Lat., TRĒS “três”	δέκα ( <i>déka</i> ) “dez” DECEM “dez”	ἀνάθημα ( <i>aná-thēma</i> ) “oferenda” FĒCĪ “fiz”	ἑπτὰ ( <i>heptá</i> ) “sete” SEPTĒM “sete”
III.	Gr., ἑκατόν ( <i>he-katón</i> ) “cem” Lat., CENTUM “cem”	γένος ( <i>génos</i> ) “parente” GENUS “tribo”	χαμαί “(no) chão” HUMUS “chão”	
IV.	Gr., (a) ποῦ ( <i>poû</i> ) “onde” (b) τίς ( <i>tís</i> ) “quem” Lat., (a) QUŌ “aonde” (b) QUIS “quem”	βαίω (baíno) “venho” VENIŌ “venho”	(a) φόνος ( <i>phónos</i> ) “assassinato” (b) θείνω ( <i>theíno</i> ) “bater” DĒ-FENDŌ “defendo”	

Consequentemente, postularíamos a tabela 7.2 para o sistema do qual os sistemas de obstruentes do latim e do grego se desenvolveram. Para as últimas duas colunas e para a última linha,

entretanto, experimentaríamos dificuldades em postular formas anteriores na base do material disponível. Conseguimos propor essas formas com mais confiança se acrescentarmos material adicional de outras línguas indo-europeias.

O método de reconstrução comparada foi refinado principalmente pela sua aplicação ao sistema de obstruentes da família germânica. Nesse grupo, os obstruentes haviam sofrido diversas mudanças que não foram identificados antes dos trabalhos de Rask e Grimm. Mediante comparações cuidadosas, esses dois fundadores da linguística histórica demonstraram as mudanças que haviam ocorrido no germânico. Seu trabalho, e o de seus sucessores, conduziu ao desenvolvimento do método comparativo.

**Tabela 7.2. A evolução do sistema de obstruentes em grego e latim a partir do protoindo-europeu**

	Grego		Latim		Protoindo-europeu			
	1	2	1	2	1	2	3	4
I.	<i>p</i>	<i>b</i>	<i>p</i>	<i>b</i>	<i>p</i>	<i>b</i>	-	-
II.	<i>t</i>	<i>d</i>	<i>t</i>	<i>d</i>	<i>t</i>	<i>d</i>	-	-
III.	<i>k</i>	<i>g</i>	<i>k</i>	<i>g</i>	<i>k</i>	<i>g</i>	-	-
IV.					-	-	-	-

Essa pesquisa apontou também para a necessidade de análise exata de todas as formas em línguas aparentadas. Ao acrescentar aos nossos exemplos gregos e latinos palavras cognatas do germânico e do índico, exemplifica como esses cognatos possibilitam preenchermos a reconstrução dos obstruentes protoindo-europeus. (Na tabela 7.3, a não ser que sejam rotuladas diferentemente, os exemplos germânicos são do gótico. Exemplos tirados de diversos dialetos para defender a reconstrução de *b* no PIE não existem. Citamos, portanto, um cognato do báltico, e admitimos a possibilidade de que tanto o fonema, quanto as palavras listadas sejam dialetais e não originais no indo-europeu.)

**Tabela 7.3. Os obstruentes indo-europeus**

	1	2	3	4
I.	gmc., <i>fadar</i> “pai”	ingl., <i>pool</i> “poço”	<i>broþar</i> “irmão”	
	sâns., <i>pitá</i> “pai”	lit., <i>balà</i> “brejal”	<i>bhrátā</i> “irmão”	
II.	gmc., <i>þrija</i> “três”	<i>taihun</i> “dez”	<i>doms</i> “glória”	<i>sibun</i> “sete”
	sâns., <i>trayas</i> “três”	<i>dása</i> “dez”	<i>dhāma</i> “glória”	<i>saptá</i> “sete”
III.	gmc., <i>hunda</i> “cem”	<i>kuni</i> “raça”	<i>guma</i> “homem”	
	sâns., <i>śatám</i> “cem”	<i>jānas</i> “raça”	<i>kṣás</i> “terra”	
IV.	isl. ant., <i>hvat</i> “o que”	AAA <sup>1</sup> , <i>queman</i> “vir”	ingl. ant., <i>gūþ</i> “batalha”	
	sâns., <i>kás</i> “quem”	<i>gámanti</i> “eles vão”	<i>ghnánti</i> “eles batem”	

<sup>1</sup> AAA = alto alemão antigo.



Os exemplos citados acima concordam com as inferências formadas pela comparação do grego e latim; também suplementam-nas, especialmente na linha IV. O sistema de obstruentes reconstruído para o protoindo-europeu foi baseado em grande medida nesses quatro dialetos, como exibimos na tabela 7.4.

**Tabela 7.4. A base dialetal para a reconstrução dos obstruentes protoindo-europeus**

	1	2	3	4
I.	<i>p</i>	<i>b</i>	<i>bh</i>	
II.	<i>t</i>	<i>d</i>	<i>dh</i>	<i>s</i>
III.	<i>k</i>	<i>g</i>	<i>gh</i>	
IV.	<i>k<sup>w</sup></i>	<i>g<sup>w</sup></i>	<i>g<sup>w</sup>h</i>	

Material adicional precisa ser fornecido para defender de forma convincente as reconstruções na linha IV. As conclusões apresentadas aqui se baseiam principalmente em evidências latinas e germânicas, como nas formas *quis* (lat.) e *queman* (AAA). As entidades postuladas na coluna 3 se baseiam predominantemente em *bh dh gh* do sânscrito, mas também em *ph th kh* do grego. Voltaremos a refletir nessas conclusões futuramente.

### 7.3. O método comparativo aplicado aos obstruentes germânicos

Um resumo da investigação dos fenômenos germânicos durante o século XIX contribuirá a compreender o desenvolvimento do método comparativo e outros métodos utilizados na linguística histórica. Rask apontou em 1818 para as relações entre os obstruentes germânicos e os dos demais dialetos indo-europeus. Em 1822, Grimm fez a contribuição importante de explicitar os sistema que subjazia essas relações. As oclusivas surdas protoindo-europeias em todas as séries são representadas por fricativas surdas no germânico; as oclusivas sonoras do protoindo-europeu por oclusivas surdas germânicas; e as oclusivas sonoras aspiradas protoindo-europeias por fricativas sonoras no protogermânico que posteriormente foram transformadas em oclusivas sonoras na maioria das línguas germânicas. A regularidade das correspondências em outras posições, tal como no meio das palavras nos exemplos na tabela 7.5, expressam sua relevância para a linguística histórica.

**Tabela 7.5. Os obstruentes protoindo-europeus exemplificados<sup>2</sup>**

		1	2	3	4
I	PIE	<b>p</b>	<b>b</b>	<b>bh</b>	
	gr.	<i>anepsíós</i> “primo”	-	<i>nephélē</i> “neblina”	
	lat.	<i>nepōs</i> “neto”	(lit.) <i>trobà</i> “construção”	<i>nebula</i> “névoa”	
	sâns.	<i>nápāt</i> “descendente”	(galês ant.) <i>treb</i> “casa”	<i>nábhas</i> “névoa”	
	gmc.	(ingl. ant.) <i>nefa</i> “sobrinho”	(gót.) <i>þaurp</i> “povoado”	(alemão) <i>Nebel</i> “neblina”	
II	PIE	<b>t</b>	<b>d</b>	<b>dh</b>	<b>s</b>
	gr.	<i>phrátēr</i> “compatriota”, “membro da mesma clã”	<i>édomai</i> “comerei”	<i>eruthrós</i> “vermelho”	<i>hestía</i> “lar”, “lareira”
	lat.	<i>frāter</i> “irmão”	<i>edō</i> “como”	<i>ruber</i> “vermelho”	<i>Vesta</i> “deusa do lar”
	sâns.	<i>bhrátā</i> “irmão”	<i>ád-mi</i> “como”	<i>rudhirás</i> “sangrento”	<i>vásati</i> “vive”
	gmc.	<i>broþar</i> “irmão”	(ingl. ant.) <i>etan</i> “comer”	(ingl. ant.) <i>rēad</i> “vermelho”	<i>wisan</i> “ser”
	EEA <sup>3</sup>	<i>bratrŭ</i> “irmão”	<i>jadętŭ</i> “comem”	<i>rŭdrŭ</i> “vermelho”	
III	PIE	<b>k</b>	<b>g</b>	<b>gh</b>	
	gr.	<i>déka</i> “dez”	<i>agrós</i> “campo”	<i>steíkho</i> “subir”, “escalar”	
	lat.	<i>decem</i> “dez”	<i>ager</i> “campo”	<i>vestīgium</i> “vestígio”	
	sâns.	<i>dásā</i> “dez”	<i>ájas</i> “planície”	<i>stighnoti</i> “sobe”, “escala”	
	gmc.	<i>taihun</i> “dez”	(ingl. ant.) <i>æcer</i> “campo”	<i>steigan</i> “escalar”	
IV	PIE	<b>k<sup>w</sup></b>	<b>g<sup>w</sup></b>	<b>g<sup>w</sup>h</b>	
	gr.	<i>lúkos</i> “lobo”	<i>érebos</i> “inferno”	<i>nípa</i> “neve”	
	lat.	<i>lúpus</i> “lobo”	-	<i>nix, nivis</i> “neve”	
	sâns.	<i>vṛkas</i> “lobo”	<i>rajas</i> “nuvem”	(avestão) <i>snāēžaiti</i> “neva”	
	gmc.	(isl. ant.) <i>ylgr</i> “loba”	<i>riqis</i> “escuridão”	(ingl. ant.) <i>snāw</i> “neve”	

Por meio desses exemplos, entre outros, podemos verificar os obstruentes que acabamos de postular para o protoindo-europeu. Podemos expressar a evolução dos obstruentes protoindo-europeus para o germânico de forma mais simples através do uso das seguintes fórmulas, em que “>” se lê “foi transformado em” ou “se tornou”.

<sup>2</sup> NB Convenções de transliteração: em sânscrito, *j* = /dʒ/ (africada palatal sonora), *v* = v (aproximante labiodental), *ś* = /ɕ/ (fricativa palatal surda) [muitas vezes, é articulada como /ʃ/], *r* = /ɹ/ (aproximante rótico silábico), *bh, dh, gh* = /b<sup>h</sup> d<sup>h</sup> g<sup>h</sup>/ (oclusiva bilabial, dental e velar sonoras aspiradas). Em gótico, *q* = /hw/ (fricativa velar/glotal surda arredondada), *þ* = /θ/ (fricativa interdental surda). Em inglês antigo (tal como em latim), *c* = /k/ (oclusiva velar surda), *æ* = /æ/ (vogal baixa/médio-baixa anterior não arredondada (altura entre /a/ e /ε/)).

<sup>3</sup> EEA = eslavo eclesiástico antigo.

### Evolução dos obstruentes protoindo-europeus para o germânico

PIE	p t k k <sup>w</sup>	> Pgmc.	f θ x x <sup>w</sup>
PIE	b d g g <sup>w</sup>	> Pgmc.	p t k k <sup>w</sup>
PIE	bh dh gh g <sup>w</sup> h	> Pgmc.	β ð γ (γ <sup>w</sup> )
PIE	s		

Poderíamos expressar igualmente com as fórmulas apropriadas o desenvolvimento dos obstruentes protoindo-europeus nos demais dialetos protoindo-europeus.

Se a nossa intenção for indicar a relação entre os obstruentes de dialeto em dialeto, utilizamos os signos “:” ou “=” nas fórmulas, lendo-os como “correspondente a”, por exemplo:

sâncsc.,	t d dh	=	pgmc.,	θ t ð
gr.,	t d th	=	EEA,	t d d

Além disso, pode-se expressar as nossas fórmulas anteriores na ordem inversa, por exemplo:

pgmc.,	β ð γ (γ <sup>w</sup> )	<	PIE	bh dh dh (g <sup>w</sup> h)
--------	-------------------------	---	-----	-----------------------------

em que se deve ler “<” como “desenvolveu-se de” ou “evoluiu de”.

## 7.4. Relações examinadas com o auxílio do método comparativo

Tal como observamos na seção 7.1, ao estudarmos as relações entre duas ou mais línguas, é preciso realizar comparações em todos os ambientes e não somente pelo contexto inicial e em algumas posições intervocálicas, como fizemos aqui.

Ao realizarmos tal comparação abrangente e detalhada, percebemos diversas relações:

1. Os sons sob investigação podem ter sido mantidos nas duas línguas, p. ex., /p/ latino em *pater* e /p/ em *patér*.
2. Os sons que interessam podem ter sido mantidos numa língua e podem ter sofrido alguma mudança na outra, p. ex., /p/ latino em *pater* e /f/ em germânico, como *fadar* em gótico, são exemplos dessa situação.

Quando só duas línguas estão atestadas, pode ser que seja difícil de identificar qual delas manteve o som original. É possível encontrar em qualquer uma das duas línguas sons que tenham ficado inalterados em ambientes específicos e que possam servir de guias, tal como fizemos acima com o inglês americano no caso de *set* /set/ em contraste com *setter* [sɛdə]. A ocorrência de /p/ depois de /s/ constitui uma evidência relevante na reconstrução de /p/ em PIE a partir de latim e do germânico, pois, quando seguia /s/, o germânico preservou o /p/ protoindo-europeu, como em *speiwan* do gótico, vide *spuō* “cuspo”. Já que o latim tende a manter o /p/ protoindo-europeu, concluímos que o /p/ latino representa o som

protoindo-europeu com maior fidelidade do que o /f/ germânico; e encontramos apoio adicional para essa hipótese nos outros dialetos indo-europeus.

3. Os sons sendo examinados podem ter mudado nas duas línguas: o fonema /b/ em *nebula* do latim e o /b/ em *Nebel* do alemão originaram do *bh* do PIE. Reconstruir o étimo de tais formas pode ser muito difícil. Após século e meio de atenção, o étimo de *ph* (gr.), *b* or *f* (lat.), *bh* (sâns.), *b* (gmc.) ainda não foi definido à satisfação de todos. Se não for possível identificar itens inalterados em determinados ambientes, tal como em *speiwan* do gótico, é preciso depender do conhecimento dos diversos tipos de mudança sonora. Tal informação é apresentada no capítulo 10. Quando os sons mudaram nas duas línguas, depreendemos várias situações diferentes.

(a) Os sons podem se fundir completamente, como foi o caso de *d* e *dh* PIE em *jadęŭ* “eles comem” e *rŭdrŭ* “vermelho” no eslavo eclesiástico antigo. Tais fusões completas dificultam enormemente a reconstrução. Não conseguimos saber se uma oclusiva sonora nas línguas eslavas se desenvolveu de uma oclusiva sonora ou sonora aspirada PIE, com a exceção de algumas poucas formas em que o tipo de entoação dá indícios da origem do segmento.

(b) Os sons podem fundir-se parcialmente, como foi o caso de *dh* e *bh* em latim: *ruber* “vermelho”, com /b/ de /dh/ do PIE, e *nebula* com /b/ de /bh/ PIE. Pela comparação de sons presentes em outras ordens, por exemplo, as oclusivas surdas em *frāter* “irmão”, em que o segmento dental foi mantido, e *nepōs* “neto”, em que a oclusiva labial foi preservada, as fusões parciais podem ser esclarecidas, ainda mais se conseguirmos identificar cognatos em línguas aparentadas. A falta de paralelos nos reflexos latinos de *bh* *d* *gh* PIE nos leva a suspeitar mudanças nessa ordem entre o protoindo-europeu e o latim.

(c) Além disso, as fusões podem ser de tipo complexo, como nas seguintes exemplos do grego: (i) *poŭ* “onde”, em que o /p/ do grego = /kw/ latino, como em *quod* “que”: *patér* (em que /p/ gr. = /p/ lat.); (ii) *tís* “quem” (em que /t/ gr. = /kw/ lat., p. ex., *quis* “quem”): *treīs* (em que /t/ gr. = /t/ lat.); (iii) *kúklos* “círculo” (em que /k/ gr. = /kw/ lat., /h/ gmc., p. ex., ingl. ant., *hwēol* “roda”): *he-katón* (em que /k/ gr. = /k/ lat., p. ex., *centum* “cem”). Novamente, é preciso resolver a situação na língua que nos concerna. Ao

analisar o grego padrão, percebe-se que os reflexos de /k<sup>w</sup>/, /g<sup>w</sup>/ e /g<sup>wh</sup>/ do PIE se manifestam como labiais antes de /a/ e /o/, como dentais diante de /e/ e /i/, e como velares quando seguidos por /u/. Esse complexo conjunto de fusões é o resultado de um processo de evolução interno ao grego. Na medida em que podemos interpretar os materiais do grego micênico escritos em linear B, a série labiovelar foi mantida na língua grega até aproximadamente 1000 a.C., e até mais tarde ainda em alguns dialetos gregos; devido a empréstimos lexicais do outros dialetos, as regras apresentadas acima não se aplicam a todas as palavras do grego padrão.

Essas exemplos de fusões em determinadas línguas exemplificam que o método comparativo pode ser utilizado para identificar formas anteriores, mesmo depois de diversas mudanças terem ocorrido. Ao registrar com atenção o ambiente em que cada mudança ocorreu, em geral é possível reconstruir a situação anterior, a não ser que tenha ocorrido uma fusão total.

### 7.5. Sucessos e deficiências do método comparativo

O método comparativo tem conhecido muito sucesso em possibilitar a reconstrução de formas anteriores às que estão atestadas. Por exemplo, as evidências para a ordem labiovelar não estão facilmente perceptíveis nos dialetos mais conhecidos do indo-europeu, como explicamos acima; não obstante, segmentos labiovelares foram reconstruídos na protolíngua. Quando textos em hitita foram descobertos, evidências foram encontradas para uma articulação velar e labial, que apoiava a reconstrução dos labiovelares em protoindo-europeu. A palavra hitita que corresponde a *tís* em grego é escrita *ku-iš*.

Outra reconstrução pelo método comparativo que foi comprovada posteriormente é o grupo de consoantes \*/çk/ no protoalgonquiano proposto por Bloomfield na base de \*/šk/ em fox e ojibwa, /hk/ em cree e menomini, entre outros grupos de consoantes cognatos. Mais tarde, na língua cree pantaneira (*swampy cree*), Bloomfield descobriu um reflexo diferente desse grupo consonantal, /htk/, em conjunto com outras evidências para confirmar sua reconstrução (1929: 99-100). Como o uso do método comparativo foi demonstrado bem-sucedido dessa maneira, a sua aplicação com o devido cuidado é altamente confiável.

O método comparativo, entretanto, padece de várias deficiências. As reconstruções criadas pelo uso do método são menos exatas no quesito fonético do que as informações sobre as quais a reconstrução foi erguida. Conforme os dados /p<sup>h</sup>/ (gr.), /b/ (lat.), /b/ (gmc.), /b/ (EEE), /b<sup>h</sup>/

(sâns.) e /b<sup>h</sup>/ em armênio, é legítimo postularmos \*/b<sup>h</sup>/ em PIE, mas não conseguimos identificar a articulação desse segmento com exatidão. Tal como veremos mais abaixo, os resultados do método comparativo foram reformulados na base de descobertas tipológicas. Tampouco é possível afirmar que a série de labiovelares no protoindo-europeu era articulada como oclusivas velares seguidas por arredondamento, ou se esses sons eram prolatados como oclusivas velares acompanhados por um fechamento labial simultâneo, ou se sua articulação era de ainda outra maneira.

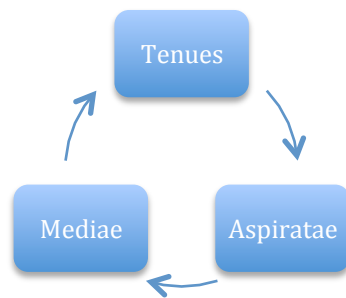
Perde-se informação também na complexidade da língua que reconstruímos. Na aplicação típica do método comparativo, recuamos no tempo mediante a triangulação entre cognatos e, finalmente, propomos para cada subgrupo um fonema sem variação dialetal. Quanto à reconstrução da oclusiva velar surda \*/k/ em protoindo-europeu, de modo a exemplificar, avançamos da comparação de /k/ em grego, como em *he-katón*, com /k/ em itálico, tal como em *centum* “cem” em latim, para a comparação com o /x/ germânico (como em *hunda* do gótico), com /ç/ do indo-iraniano (como em *śatám* “cem” do sânscrito), e assim adiante. É provável, porém, que os dialetos do indo-europeu não eram uniformes; e, além disso, que a situação nelas reflete a natureza não uniforme da língua mãe. Algumas formas, por exemplo, que se esperaria conter um sibilante em báltico e em eslavo, exibem um velar; por exemplo, *akmuō* em lituano e *kamy* em EEE, versus *aśmān* em sânscrito, *asman-* “pedra” em avestão e *ákmōn* “bigorna”. Se o protoindo-europeu tivesse sido uma língua totalmente regular e sem dialetalização, todas essas palavras, exceto a do grego, deveriam conter um sibilante antes que um som velar. Embora o método comparativo nos obrigue a reconstruir idealmente um protoindo-europeu sem variação dialetal, tais irregularidades sugerem que a língua mãe já apresentava dialetos. Com o devido cuidado, podemos aplicar o método comparativo com todo o rigor necessário e, a partir de formas como as para “pedra”, pressupor a existência de dialetos na língua ancestral. De forma parecida com o que os estudos tipológicos possibilitaram estendermos as nossas conclusões baseadas no método comparativo, as descobertas da pesquisa sobre comunidades linguísticas forneceram os meios para interpretar essas conclusões. Contudo, o método em si não foi elaborado com o intuito de produzir nada além de um corpus sem variação dialetal.

## 7.6. O refinamento do método comparativo pela investigação dos obstruentes germânicos

O método comparativo era refinado ao longo do século XIX. Exemplificamos o desenvolvimento das práticas investigativas com uma demonstração do exatidão crescente com o que era aplicado à

descrição do sistema de obstruentes em relação com o do protoindo-europeu e aos sistemas nos demais dialetos da família.

Em 1822, Jacob Grimm publicou um relato geral sobre as relações entre os obstruentes germânicos e os das demais línguas. O filólogo alemão denominou *p t k* consoantes *tenues*, *bh dh gh* (e *f þ x*) receberam o nome de *aspiratae* e as consoantes sonoras *β ð γ* e *b d b g* foram rotuladas as *mediae*. A proposta de Grimm foi que as *tenues* protoindo-europeias > *aspiratae* germânicas, as *aspiratae* do PIE > *mediae* germânicas e que as *mediae* PIE > *tenues* germânicas, produzindo, portanto, um esquema circular:



Na base de mudanças subsequentes na área do alto alemão, onde /t/ > /tʰ/, como em *zu* /tʰu/ em alemão padrão (uma variedade do alto alemão), em contraste com *to* /tu/ do inglês (uma variedade do baixo alemão), Grimm pressupôs que esse mesmo ciclo de mudanças se repetia nas línguas germânicas (ou seja, as *tenues* do germânico ancestral advindos das *mediae* indo-europeus foram substituídos por novas *aspiratae* nos dialetos alto-alemães). As trocas, por conseguinte, foram interpretadas como os resultados da operação de uma lei. Desde então, a formulação da relação é conhecida como **a lei de Grimm** e, como tal, é bastante difundida, aparecendo até em dicionários básicos. Embora alguns linguistas atingiram certa prominência restrita pela descoberta de alguma “lei” que formule uma pequena mudança em alguma língua ou outra, o uso do termo “lei” é excessivo para a expressão de uma correspondência. Atualmente, é comum reter a etiqueta de “lei” para os casos historicamente consagrados pelo uso, como o de Grimm, mas em outros casos os linguistas modernos evitam falar em “leis” de mudança.

Um aspecto que destacou a qualidade excelente do trabalho de Grimm de 1822 foi o fato de que palavras que não se conformavam com as regras identificadas foram apresentadas em listagens. Os casos de falta de correspondência chegaram a ser conhecidos como as “exceções” à lei de Grimm. O esclarecimento subsequente dessas irregularidades contribuiu de forma significativa ao desenvolvimento do método histórico durante o século XIX.

### 7.6.1. A solução para o primeiro conjunto de exceção à lei de Grimm

A primeira exceção a ser solucionada envolvia a manutenção de oclusivas surdas protoindo-europeias quando seguiam fricativas no germânico, como exemplificamos abaixo:

PIE	<i>pt</i>	gótico: <i>hafts</i>	“casado”	= latim: <i>captus</i>	“capturado”
	<i>sp</i>	<i>speiwan</i>	“vomitar”	= <i>spuō</i>	“cuspo”
	<i>st</i>	<i>ist</i>	“é”	= <i>est</i>	“é”
	<i>sk</i>	<i>skadus</i>	“sombra”	= grego: <i>skótos</i>	“escuridão”
	<i>kt</i>	<i>nahts</i>	“noite”	= latim: <i>nox, noctis</i>	“noite”

Nesses e noutros exemplos, a oclusiva que seguia a fricativo no germânico não mudou. A ausência de mudança foi atribuída ao ambiente fônico surdo provocado pela fricativa, o qual, de alguma maneira, tinha conseguido impedir que o processo de espirantização que se impôs noutros contextos se produzisse. Dentro de algumas décadas depois que Grimm tinha publicado suas regras, linguistas conseguiram explicar a primeira exceção ao afirmar que as oclusivas surdas do PIE permaneceram inalteradas quando seguiam uma fricativa surda no germânico.

Essa explicação apontou à relevância para a linguística histórica de examinar o ambiente sonoro imediato e de notar suas características fonéticas. Embora o próprio Grimm nunca demonstrou muito interesse pela fonética, seus sucessores estudaram a produção dos sons minucia e completamente. Como consequência, a fonética articulatória se desenvolveu bastante durante o século XIX, atingindo um alto patamar nas obras de Maurice Grammont, Otto Jespersen, Eduard Sievers e Henry Sweet.

### 7.6.2. A solução do segundo conjunto de exceções da Lei de Grimm

A explicação do segundo grupo de exceções possibilitou um avanço metodológico adicional. Os segmentos envolvidos eram as fricativas e oclusivas sonoras germânicas que correspondiam irregularmente às oclusivas sonoras indo-europeias, em lugar de corresponderem às oclusivas sonoras aspiradas, tal como se depreende em:

PIE	<i>bh... dh-</i>	gótico: <i>-biudan</i>	“oferecer”	= sânscrito: <i>bódhāmi</i>	“advertir”,
	“notificar”				
	<i>dh... gh-</i>	<i>dauhtar</i>	“filha”	= <i>duhitā</i>	“filha”
	<i>gh... gh-</i>	<i>gagg</i>	“rua”	= <i>jāñghā</i>	“perna”

Se as correspondências fossem de acordo com as regras de Grimm, os cognatos em sânscrito exibiriam oclusivas sonoras aspiradas no início das palavras.

Tal como mencionamos no capítulo 2, Hermann Grassmann explicou a falta de correspondência, quando observou que que todas as formas desse tipo continham aspiradas PIE em duas sílabas sucessivas; além disso, Grassmann notou que no grego e no índico, uma das duas



consoantes aspiradas tinha sido dissimilada para uma oclusiva não aspirada. Consequentemente, a irregularidade não devia ser atribuída ao germânico, mas antes às línguas grega e sânscrita, supostamente mais arcaicas e conservadoras.

Estudaremos a dissimilação das aspiradas em grego e sânscrito em maior detalhe no próximo capítulo. Aqui, nossa maior interesse é pelo refinamento adicional do método comparativo que resultou da descoberta de Grassmann. Ao notar que sua explicação foi baseada na investigação de segmentos situados em sílabas diferentes sucessivas, os linguistas perceberam que não deviam tratar apenas as unidades sonoras e seu ambiente imediato, porque os sons poderiam ser afetados por outros sons que estivessem contíguos. As observações de Grassmann os conduziu a investigar a composição de sílabas e palavras inteiras, além da natureza dos sons individuais.

### 7.6.3. A solução do terceiro conjunto de exceções à Lei de Grimm

A elaboração da explicação do terceiro grupo de exceções resultou em ainda outro refinamento. Essas exceções incluem as formas em que uma oclusiva surda protoindo-europeia se convertera numa fricativa sonora no germânico, em lugar de produzir a fricativa surda esperada. É admissível postularmos a existência de fricativas sonoras em algum momento pré-histórico, dado os reflexos *sibun* em saxônico antigo, *faðer* em islandês antigo, e *swe3er* em inglês antigo; e, tal como os demais dialetos germânicos indicam, essas fricativas sonoras com frequência se tornaram oclusivas sonoras mais tarde. Exemplificamos:

PIE *p'* > pgmc., β: > gót., *sibun*; ingl. ant., *seofun*; sax. ant., *sibun*, AAA, *sibun*;  
> sânsc., *saptá*; gr., *heptá* “sete”.

PIE *t'* > pgmc., ð: > gót., *fadar*; isl. ant., *faðar*; ingl. ant., *fæder*; AAA, *fater*;  
> sânsc., *pitá*; gr., *patér* “pai”.

PIE *k'* > pgmc., γ: > ingl. ant., *swe3er*; AAA, *swigur*;  
> sânsc., *śvaśrúṣ*; gr. *hekurá* “sogra”.

O linguista dinamarquês, Karl Verner, notou que o acento em sânscrito e em grego nunca precedia os obstruentes que correspondiam no germânico às fricativas sonoras. Verner formulou uma regra para explicar essas evoluções que incluía pgmc., *z* < *ś* PIE (esse /z/ foi transformado em /r/ em todos os dialetos germânicos, com a exceção do gótico):

PIE *ś* > pgmc., z: isl. ant., *snør*; ingl. ant., *snoru*; AAA, *snura*;  
sânsc., *snuṣa*, gr., *nuós* < *\*snusós* “nora”

Podemos reformular a lei de Verner a seguinte maneira: as oclusivas surdas protoindo-europeias são substituídas por fricativas surdas no germânico; em ambientes sonoros, essas

oclusivas surdas, mais a fricativa surda preexistente *s*, passam a ser sonoras, quando não forem precedidas imediatamente pelo acento tônico.

O artigo de Verner exerceu provavelmente um impacto maior na linguística histórica do que qualquer outra publicação individual. Um resultado foi que os linguistas souberam que não se podia mais limitar a atenção às consoantes e vogais, mas que era preciso considerar o acento também. Os aspectos suprasegmentais foram levados em consideração. Nas últimas décadas do século XIX, muitos artigos nas revistas de linguística se tratavam dos padrões suprasegmentais manipulados na versificação. Muitos outros artigos tentaram explicar a mudança sonora pelo recurso a fenômenos suprasegmentais. Embora algumas dessas tentativas eram excessivamente entusiásticas, após o ano de 1876, os linguistas se preocupavam com o estudo dos padrões de altura e acentuação das línguas, tal como há quatorze anos, eles tinha aprendido a levar em consideração as palavras inteiras, e, algumas décadas antes, os ambientes sonoros imediatos. Por conseguinte, depois do artigo de Verner, os linguistas tratavam todos os aspectos fonológicos de um enunciado.

### **7.7. A hipótese neogramática, uma conclusão fundamentada no uso bem-sucedido do método comparativo**

A explicação de Verner do último conjunto importante de exceções à lei de Grimm teve o efeito adicional de fazer com que os linguistas tivessem confiança total nas suas regras e leis. Ao perceber que maior atenção permitia que explicassem a presença de resíduos e de evoluções diferentes, um grupo de linguistas, após o ano de 1876 proclamava que “a mudança sonora ocorre conforme leis que não admitem exceções”. Esses linguistas, que receberam o apelido com certo desprezo “neogramáticos” (*Junggrammatiker*, melhor dito: “gramáticos novos”) de seus colegas mais velhos, defendiam que se todos os fatos fossem reunidos e analisados com o devido rigor e exatidão, seria possível formular princípios ou leis sem exceções para a evolução das línguas.

Essa afirmação é conhecido como a **hipótese neogramática**. As diretrizes dos neogramáticos foram plantados em um artigo escrito por Karl Brugmann em 1878 que, com frequência, recebe o título de ser o manifesto neogramático. Ainda é um texto que todo linguista deve ler. Entre as críticas de Brugmann dirigidas aos linguistas anteriores foi seu foco em modelos abstratos sem atender às línguas vivas. Em conformidade com sua ênfase na linguagem tal como ela é usada, Brugmann e os demais neogramáticos não pressupunham que as mudanças sonoras operavam sem exceção em todos os conjuntos lexicais. Por exemplo, eles costumavam excluir palavras infantis, tal como *atta* “pai” em gótico e onomatopeias como *cocoricó* (*kikiriki* em alemão,

*cock-a-doodle-doo* em inglês). Até onde se deveria estender tais conjuntos excepcionais constitui um problema da linguística histórica que tem sido debatida ferozmente desde então.

O novo movimento centrou na universidade de Lípsia. Os melhores estudiosos jovens da instituição, Brugmann, Delbrück, Osthoff, Leskien e outros, adotaram o rótulo de neogramáticos para si mesmos. Entusiasmados por seu novo método científico, eles se ocuparam de muitos problemas e de publicar manuais que tem sido usado continuamente desde esse tempos. A *Gotische Grammatik* de Wilhelm Braune, revisado posteriormente como Braune e Ebbinghaus, 1981), constituiu o modelo para a maioria das gramáticas históricas do século passado e ainda é o manual básico recomendado sobre a língua gótica, após tantas reedições.

Durante décadas, os neogramáticos atraíram para Lípsia os mais brilhantes estudantes jovens, como Leonard Bloomfield. Através de seus alunos e suas publicações, a Escola Neogramática exerceu um efeito considerável sobre a linguística. O princípio de que as leis sonoras operam sem exceção estimulava linguistas a desvendar todos os fatos envolvidos nos processos de mudança linguística, porque essa diretriz lhes assegurava que a investigação rigorosa e pormenorizada traria resultados. Apesar de excessos esporádicos, os neogramáticos aplicavam o método comparativo com grande destreza à diversos problemas relacionados com a linguagem. Também produziram manuais importantes que não foram substituídos até o presente em muitos casos, tal como os *Princípios fundamentais da gramática comparativa das línguas indo-germânicas* [*Grundriss der vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprachen*] de Karl Brugmann (1897-1916).

## 7.8. O uso e a extensão do método comparativo

No decorrer da linguística histórica, as observações e comentários se tornavam cada vez mais exatas. Tivemos ocasião de notar que a formulação de Grimm incluía três regras fundamentais e que as unidades expressadas nessas regras – *tenues*, *aspiratae* e *mediae* – representavam classes gerais. Os conjuntos de Grimm, especialmente as das *mediae* e *aspiratae*, não correspondem a conjuntos de sons unidos por uma articulação parecida. Melhoras na expressão da lei de Grimm durante os cinquenta anos após sua formulação inicial contribuíam maior precisão, ao indicar em cada regra os verdadeiros sons envolvidos.

Essas formulações melhoradas representam os sons com símbolos fonéticos. Portanto, a regra PIE  $p t k k^w > pgmc.$ ,  $f \theta x x^w$  se refere à subclasse das oclusivas surdas protoindo-europeias que ocupava qualquer ambiente com a exceção de depois de  $s$  PIE e as consoantes  $f \theta x x^w$  do protogermânico que descenderam das oclusivas surdas protoindo-europeias. As outras regras se referem a outras subclasses fonêmicas que ocorriam em determinados contextos fonéticos, ou seja,

concerne os alofones. Na base de outros exemplos citados neste capítulo, pressupomos que a mudança ocorre mediante tais subclasses, as quais constituem conjuntos nas línguas individuais. Por conseguinte, as consoantes labiovelares PIE teriam desenvolvido três conjuntos de alofones no grego padrão primitivo. Os alofones que precediam *a* e *o* se caracterizariam por uma articulação labial. Os alofones diante de *i* e *e* seriam articulados de maneira anterior. Conforme esses alofones desenvolviam as características que assumiam nesses contextos fonéticos já definidos, eles acabaram com /p t k/, com /b d g/ e /ϕ θ x/, respectivamente. No germânico, por outro lado, os labiovelares originais desenvolveram alofones diferentes, tal como exemplificamos acima com os reflexos germânicos.

Nas gramáticas padrão da língua, as mudanças nos segmentos labiovelares que ocorreram no grego que apresentamos anteriormente são expressados por regras com as seguintes:

PIE /k<sup>w</sup> g<sup>w</sup> g<sup>w</sup>h/ > gr., /p b ϕ/ antes de /a o/  
 PIE /k<sup>w</sup> g<sup>w</sup> g<sup>w</sup>h/ > gr., /t d θ/ antes de /i e/  
 PIE /k<sup>w</sup> g<sup>w</sup> g<sup>w</sup>h/ > gr., /k g x/ antes de /u/

Tais regras expressam a natureza da mudança corretamente, embora com certa minúcia.

Embora as mudanças sonoras ocorrem por alofones, geralmente, só um traço do alofone muda de cada vez. Assim, a oclusiva [t] ([-contínuo]) virou uma fricativa [θ] ([+contínuo]) no protogermânico. O traço labial do [k<sup>w</sup>] no grego primitivo foi eliminado antes de [u]. De modo a indicar tais modificações específicas, as regras podem ser expressas em termos dos traços distintivos afetados.

Regras formuladas dessa maneira tem a vantagem de representar os princípios estruturais gerais da língua. Por exemplo, ao expressarmos a regra para a evolução das oclusivas sonoras protoindo-europeias para as oclusivas surdas germânicas, tal como em /d/ PIE para /t/ pgmc., a regra indica que não só o /d/ do PIE, mas qualquer outra oclusiva germânica é surda. Ou seja, a regra vale tanto para /t/ gmc. do /t/ PIE como para o /t/ gmc. do /d/ PIE, como também para o /p k k<sup>w</sup>/ do pgmc. Essa regra pode ser escrita da seguinte maneira:

[-soante]  
 [-contínuo] > [-vozeamento]

Por serem [+contínuo] quando a regra de dezvozeamento se aplicou à língua, os demais obstruentes protogermânicos – /f θ s x x<sup>w</sup> β ð γ/ - não foram afetados pela mudança. Deste modo, a descrição em termos de traços distintivos aponta para uma característica geral da língua, além de expressar a mudança sonora que gerou essa característica.

A maior dificuldade com as regras precisas formuladas pela descrição de traços distintivos, surge como produto da nossa ignorância dos detalhes acerca da estrutura fonética de línguas

antigas. Sabemos que os três conjuntos – (1) /p t k k<sup>w</sup>/, (2) /b<sup>h</sup> d<sup>h</sup> g<sup>h</sup> g<sup>wh</sup>/, (3) /b d g g<sup>w</sup>/ - contrastavam no rptogermânico. Podemos estar razoavelmente seguros de que o conjunto 1 continha oclusivas surdas, o conjunto 2 era de oclusivas sonoras aspiradas e o conjunto 3 reunia as oclusivas sonoras (atualmente consideradas de incluir um glide subjuntivo decrescente glotal). Porém, ao propormos traços distintivos para os integrantes de cada conjunto, dispomos de pouca evidência para comprovar a natureza articulatória de esses segmentos. Alguns linguistas hipotetizam que /p t k k<sup>w</sup>/ no pré-germânico eram oclusivas brandas, como são atualmente em alguns dialetos alemães; outros defendem que esses sons eram oclusivas fortes. Pressupostos sobre os traços distintivos envolvidos em definir a articulação de / b<sup>h</sup> d<sup>h</sup> g<sup>h</sup> g<sup>wh</sup>/ são ainda mais tendenciosos. Por outro lado, quando uma análise detalhada nos deixar identificar os traços de sistemas fonêmicos anteriores com maior exatidão, formular regras em termos de traços distintivos aprofundará nosso conhecimento das línguas do passado.

Tais conhecimentos suplementares tem sido procurados por inferências baseadas em investigações tipológicas. Essas induções se fundamentam na infrequência de /b/ no protoindo-europeu, que Jacob Grimm já tinha comentado em 1822. Trataremos desse tema em mais detalhe abaixo. Aqui, mencionamos brevemente apenas que duas propostas semelhantes foram colocadas, em que se sugere que a raridade do fonema era porque sua articulação era glótica. Em séries glóticas, é comum o elemento labial faltar, mas isso é o caso quando a série é desvozeada (e no modelo clássico, a série é de consoantes vozeadas). Servindo-se dessa informação para explicar a pouca frequência do /b/ Gamkrelidze e Ivanov (1973) e Hopper (1973) propuseram que a série que tinha sido postulada como composta de oclusivas sonoras no protoindo-europeu, ou seja, /(b) d g g<sup>w</sup>/, teria sido, na realidade, uma série de consoantes glóticas desvozeadas. Sua teoria “glotática”, evidentemente modifica a visão consagrada há longa data da natureza dos obstruentes indo-europeus. Provocava, conseqüentemente, bastante discussão. Citamo-la agora para exemplificar como as descobertas tipológicas fornecem os meios de estender os resultados obtidos pelo método comparativo.

## **7.9. A aplicação do método comparativo a fenômenos morfológicos e sintáticos.**

Quando se debate o método comparativo, as aplicações costumam ser citadas para a área fonológica. Não obstante, a primeira monografia sobre o estudo do indo-europeu foi a de Bopp em 1816, que se tratou do sistema morfológico. Embora Bopp não tenha reconstruído paradigmas nominais e verbais para o protoindo-europeu, ele equiparou formas superficiais diferentes em

sânscrito, grego e outros dialetos, pressupondo que elas eram comparáveis entre si. Por exemplo, a forma da raiz para a terceira pessoa do singular do verbo “levar” é *bhárati* em sânscrito e *phérei* em grego. Ao tratar cada forma como membro de um paradigma paralelo, Bopp não teve dificuldade em postular uma forma verbal para a terceira pessoa do singular do presente do indicativo da voz ativa no protoindo-europeu. Da mesma maneira, muitas outras formas verbais e nominais foram supostas, de modo a render uma gramática compreensiva da protolíngua. Isto é, o método comparativo era aplicado à morfologia desde o começo do século XIX.

A aplicação do método comparativo à sintaxe e à semântica é mais recente. Isso será tratado nos capítulos sobre esses respectivos tópicos, mas aqui exemplificamos como o método comparativo é aplicado a categorias e elementos sintáticos, além das unidades fonológicas e morfológicas. Tal como tem sido apresentado, o método é aplicado a conjuntos abstratos. Até dispormos de uma estrutura, não podemos identificar os conjuntos. Mencionamos no capítulo quatro sobre a classificação tipológica que duas construções para o grau comparativo existem nas línguas do mundo. A construção como na frase portuguesa “mais alto que uma montanha” apresenta a organização adjetivo + eixo comparativo + padrão, e essa sequência é típica das línguas V[erbo] – O[bjeto]. A construção comparativa em japonês é *yama yori takai*, literalmente, “montanha de alto”, exibe a ordem inversa, padrão + eixo comparativo + adjetivo e essa estrutura é típica das línguas cuja ordem sintática básica é O-V. Algum marcador morfológico do grau equitativo, comparativo ou superlativo, tal como o *-er* e *-est* das línguas germânicas, p. ex., ingl., [as] *tall* [as] – *taller* [than] – *tallest*, pode ou não aparecer em tais expressões de grau. O japonês não exibe nenhum marcador morfológico desse tipo.

Se examinarmos as línguas germânicas antigas para notar as construções comparativas, deparamos com sequências como as seguintes:

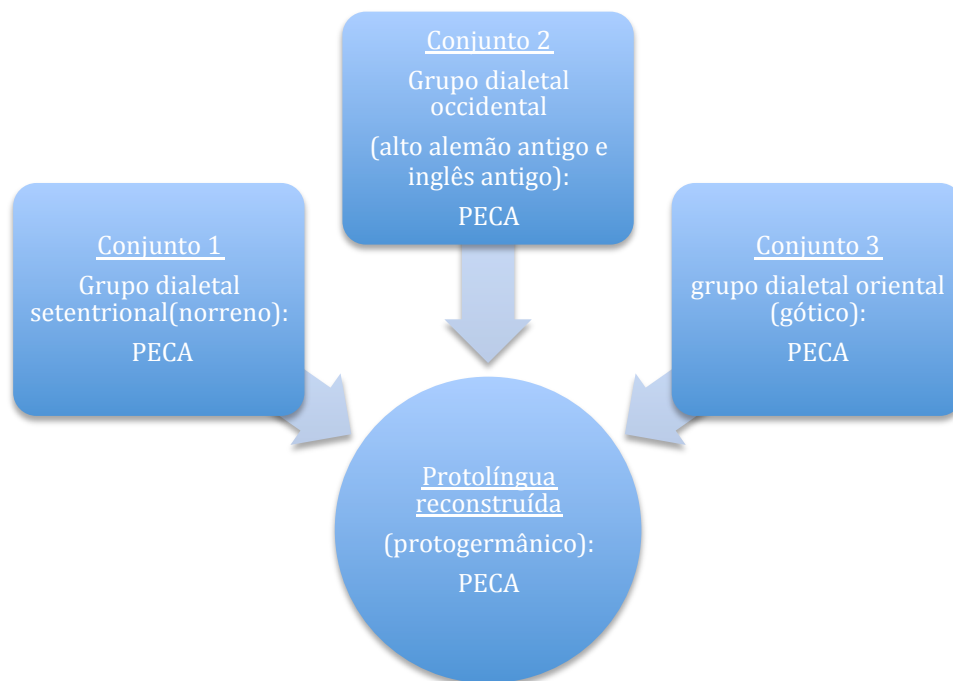
Norreno (*Voluspá* 64): *sólo fegra*  
“sol [do que] [mais] belo”  
(mais belo que o sol)

Inglês antigo (*Beowulf* 1850): *þæt þē Sæ-Gēatas sēlran næbben.*  
que tu [os] geatas do mar melhor não\_têm  
“Os geatas do mar não têm ninguém melhor que tu.”

Alto alemão antigo (*Otfried*, 5.18.9): *ist in allen obero*  
é em todos [mais]\_alto  
“é mais alto que todos eles”

Gótico (*Skeireins*): *ni þe haldis*  
não [que] isso mais\_provável  
“Não mais provável que isso”.

Todas essas construções comparativas exibem a sequência: padrão + eixo comparativo + adjetivo (PECA). O eixo da comparação é expresso em geral pelo uso das flexões do caso dativo. Se aplicarmos o método comparativo a essas construções sintáticas tiradas dos dialetos germânicos setentrional (norreno), ocidentais (inglês antigo e alto alemão antigo) e oriental (gótico), reconstruímos uma construção pelo grau comparativo típica das língua de ordem sintática O-V, ou seja, padrão + eixo comparativo+ adjetivo (PECA), para o protogermânico, de maneira parecida à reconstrução de /t/ para o inglês pré-moderno, pela triangulação dos dialetos britânicos, americanos e australianos.



Desse modo, o método comparativo pode ser aplicado a qualquer construção sintática que possa ser identificada como representativa de uma determinada estrutura. Mediante sua utilização para padrões sintáticos e semânticos, como também para elementos morfológicos e fonológicos, as futuras gramáticas históricas serão muito mais completas que as gramáticas atuais no que diz respeito à apresentação da língua. Isso porque o método comparativo pode ser aplicado a todos os componentes linguísticos de forma parecida àquela que exemplificamos com os padrões no componente fonológico.

#### **Leituras suplementares seletas:**

Meillet (1925) dá uma excelente introdução ao método comparativo; o texto também está disponível em inglês (1967). Boas apresentações estão em todos os manuais competentes, p. ex.,

Bloomfield (1933, cap. 18), Anttila (1989, cap. 11), Bynon (1977, seção I.7), Hock (1986, cap. 18). Um tratamento tanto rigoroso quanto compreensivo está no capítulo 12 de Hoenigswald (1960). Artigos de destaque sobre o desenvolvimento da linguística histórica, tais como os de Grasmann, Verner e Brugmann, foram reunidos e traduzidos em Lehmann (1967).

ANTTILA, Raimo. *Historical and Comparative Linguistics*. Benjamins: Amsterdã, 1989 (2ª ed.).

BYNON, Theodora. *Historical Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

HOCK, Hans Heinrich. *Principles of Historical Linguistics*. Berlim: Mouton de Gruyter, 1987.

HOENIGSWALD, Henry M. *Language Change and Linguistic Reconstruction*. Chicago: University of Chicago Press.

LEHMANN, Winfred P. (org.) *A Reader in Nineteenth-century Historical Indo-European Linguistics*. Bloomington: University of Indiana Press, 1967.

MEILLET, Antoine. *La méthode comparative en linguistique historique*. Oslo: Klincksieck, 1925 (trad. por G. B. Ford Jr, *The Historical Method in Historical Linguistics*. Paris: Champion, 1967).